

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PARADIGMA DOS PRONOMES PESSOAIS: UMA PROPOSTA DE ENSINO

ZUGE, Marciele Mariza¹

CASAGRANDE, Sabrina²

RESUMO: O presente trabalho buscou elaborar uma proposta didática, tratando da variação no paradigma pronominal em uso no Português Brasileiro atual e sua relação com a concordância verbal. Para isso, baseamo-nos em Görski e Coelho (2009) que fazem uma discussão sobre a variação dos pronomes pessoais retos e a concordância verbal, sinalizando alguns elementos que uma proposta desse tipo precisa ter. Para além disso, consideramos os documentos oficiais, PCN (BRASIL, 1998) e DCE (PARANÁ, 2008), que falam sobre a presença da variação linguística nas aulas de língua portuguesa e uma questão importante que deve ser levada em conta pelo professor: o aluno já sabe português quando chega à escola e o seu papel é ampliar o repertório linguístico do aluno. Espera-se que esta proposta possibilite ao aluno compreender a importância da norma culta, ensinada na escola, bem como e principalmente, a importância da língua que ele adquiriu no meio em que vive.

PALAVRAS - CHAVE: Ensino de língua. Variação linguística. Pronomes pessoais e concordância verbal.

RESUMEN: El presente trabajo intentó elaborar una propuesta didáctica, tratando de la variación en el paradigma pronominal en uso en el Portugués Brasileño actual y su relación con la concordancia verbal. Para eso, nos basamos en Görski e Coelho (2009) que hacen una discusión acerca de la variación del pronombres personales rectos y la concordancia verbal, señalizando algunos elementos que una propuesta de ese tipo necesita tener. Además, consideramos los documentos oficiales, PCN (BRASIL, 1998) e DCE (PARANÁ, 2008), que hablan de la presencia de la variación linguística en las clases de lengua portuguesa y una cuestión importante que debe ser llevada en cuenta por el profesor: el alumno ya sabe portugués cuando llega en la escuela y su papel es ampliar el repertorio linguístico del alumno. Esperase que la propuesta posibilite al alumno comprender la importancia de la norma culta, enseñada en la escuela, bien como y principalmente, la importancia de la lengua que el adquiere en lo medio en que vive.

PALABRAS-CLAVES: Enseñanza de la lengua. Variación linguística. Pronombres.

¹ Acadêmica da 9ª fase do curso de Graduação em Letras: Português e Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, *Campus* Realeza.

² Professora de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Realeza, orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo elaborar uma proposta didática sobre o ensino do paradigma pronominal em uso no Português Brasileiro atual, em associação com a concordância verbal, respeitando e levando em consideração a língua que o aluno já adquiriu em seu processo de aquisição.

Considerando que o aluno já sabe o português, quando chega à escola, uma vez que o adquiriu em seu processo de aquisição da linguagem, o papel da escola e do professor de Língua Portuguesa é ampliar o repertório linguístico do aluno, ou seja, é a partir das formas linguísticas adquiridas pelos alunos que o professor vai ter que trabalhar, porque eram essas formas que estavam disponíveis em seu input e foi o que fez com que ele construísse a sua gramática. Como os dados do input a que a criança tem acesso são variáveis, logo a gramática que ela vai adquirir também é variável e é com essa gramática variável que a criança chega à escola.

Görski e Coelho (2009, p. 74) relatam que “Nossas gramáticas normativas atuais são herança [...] greco-romana, cuja norma se baseia numa concepção de língua homogênea, tida como um padrão abstrato que existe independente dos indivíduos que a falam”. Elas relatam que as atividades educativas, na maioria das vezes, são desvinculadas do uso real da língua, classificando-as somente como certo e errado, em que o errado está relacionado a tudo que infringe as regras gramaticais.

Assim, diante da perspectiva de que o professor deve levar em conta a variação linguística que o aluno traz de casa, vamos trabalhar as variantes que dizem respeito aos pronomes pessoais e sua relação com a concordância verbal, pois, de acordo com Vieira (2017, p.130)

O ensino, portanto, deve ser fundamentado nos padrões reais, praticados nas normas de uso, mas estimulando a abordagem de outras normas, promovendo, considerando o *continuum* da variação, o reconhecimento e/ou domínio do maior número possível de variantes linguísticas, praticadas efetivamente pelos alunos ou não.

Deste modo, este artigo se estrutura da seguinte forma: na seção 2 apresentamos o quadro de variação dos pronomes pessoais do PB e na seção 3 alguns pressupostos para o ensino da variação linguística na escola para, já na seção 4, apresentamos a proposta didática para o ensino dos pronomes pessoais, num contexto de variação.

2. VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E OS PRONOMES PESSOAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A variação linguística é uma realidade em todas as línguas humanas e as diferentes variantes se adequam às necessidades e características da cultura a que servem. Sobre isso, Bagno (1999, p. 64) vai dizer que

Toda variedade lingüística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades. Toda variedade lingüística é também resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares.

Por isso é equivocado afirmar que determinada língua é superior a outra, ou que determina variante é superior à outra. Na verdade, essa avaliação sobre as diferentes variantes está diretamente relacionada ao valor social dessas diferentes variantes. No “mercado linguístico”, de acordo com Bourdieu (1983 apud Görski e Coelho, 2009), certas pessoas quando falam são respeitadas, enquanto outras são desrespeitadas. Isso tem a ver com o valor social que as variantes têm, uma determinada variante vale o que valem seus falantes.

Para melhor exemplificar os valores sociais atribuídos às diferentes formas linguísticas, as autoras trazem as noções labovianas de estereótipos, marcadores e indicadores.

Algumas variáveis se revelarão na sociedade como *estereótipos*, isto é, como alvos de comentários sociais estigmatizados. Outras variáveis se revelarão como *marcadores*, por receberem uma consistente valoração social e estilística, como marca de prestígio, por exemplo. E outras variáveis, ainda, se revelarão como *indicadores* apenas, não sendo reconhecidas nem comentadas pela sociedade. (GÖRSKI e COELHO, 2009, p.81)

As autoras trazem exemplos de estereótipos como *nós fumo* ao lado de *nós fomos* ou *pobrema* ao lado de *problema*. De forma geral, se concebe que pessoas que usem essas variantes, como *nós fumo* ou *probrema*, tenham pouca (ou nenhuma) escolaridade, uma ideia preconcebida que em nada ajuda a pensar o ensino de língua, por exemplo. Já os marcadores, como o próprio nome diz, são variantes que marcam uma determinada característica do falante, ou regional ou estilística. Um exemplo é a forma linguística de segunda pessoa do singular, que varia entre *tu* e *você*, e dos pronomes possessivos de segunda pessoa, *teu* e *seu*, usados em certas regiões do sul do Brasil. Por fim, os indicadores são formas em variação que não carregam nenhum tipo de avaliação social, cujos usos passam despercebidos pelos diferentes falantes. É o caso do objeto nulo como variante do objeto direto anafórico: *eu me interessei por aquele livro e comprei []*.

As autoras destacam que as características linguísticas supostamente provenientes de pessoas menos favorecidas, muitas vezes, são alvos de desvalorização. Isso se dá porque há uma percepção de que usar uma variedade diferente da padrão é um problema, uma indicação de inferioridade. Para dar um exemplo, a variação da concordância verbal não se dá somente entre falantes menos escolarizados, mas sim está presente no uso da língua de todos os falantes, dependendo da região e dos contextos em que os falantes estão inseridos. Por exemplo: “A forma *nós vai* no sul do Brasil é estigmatizada (um estereótipo), enquanto *tu foi* não é alvo de críticas e de rejeição, mas pode ser estilisticamente marcada”(Görski e Coelho, 2009, p.82). Como se vê, o *tu foi* no sul do Brasil não é tratado como um “erro”, ou seja, não é estigmatizado, pois é uma variante utilizada por praticamente todos os falantes sulistas, dentre eles os escolarizados.

É de suma importância que o professor entenda a diferença entre os esteriótipos, marcadores e indicadores para promover um ensino de língua que amplie o conhecimento linguístico do aluno e que, acima de tudo, conscientize o aluno desses valores sociais que são atribuídos às diferentes formas linguísticas, fazendo com que o ensino de língua possa formar para o desenvolvimento da cidadania.

Uma outra questão essencial para lidar com a questão da variação linguística é entender que ela é sistemática, não ocorre de qualquer jeito. Sobre isso, Görski e

Coelho (2009, p.84) afirmam que é necessário reconhecer que os diferentes dialetos são sistemas linguísticos estruturados assim como o padrão. A variação linguística é sempre regular, segue princípios na língua e não é assistemática. Para mostrar isso, elas trazem as mudanças ocorridas no paradigma pronominal do Português Brasileiro. No primeiro quadro, mostram o paradigma pronominal exposto nas gramáticas tradicionais e na maioria dos livros didáticos (paradigma 1) contrapondo-o com o paradigma em uso efetivo no Português Brasileiro (paradigma 2). Vejamos os paradigmas:

Tabela 1 (GORSKI e COELHO, 2009, p. 85): Descrição dos paradigmas pronominais tradicional e em uso efetivo no PB

Paradigma 1	Paradigma 2
eu	eu
tu	tu/ <i>você</i>
ele(a)	ele(a)
nós	nós/ <i>a gente</i>
vós	(vós)/ <i>vocês</i>
eles(as)	eles

Observando o quadro, é possível perceber as mudanças pronominais ocorridas no Português Brasileiro aos longo dos anos. As autoras trazem os pronomes *a gente* e *você/vocês*, no paradigma 2, exemplificando que estas duas formas são inovadoras em relação ao paradigma 1. Nos exemplos citados, a forma de tratamento *você* passou por um processo de gramaticalização, de inovação, o que acarretou na mudança linguística, deixando de ser uma forma de tratamento para ser empregada como um pronome pessoal.

No caso do *a gente*, também ocorreu o processo de gramaticalização, em que o nome genérico *gente* (como em “aquela gente”) passou a ser um pronome

peçoal. A mudança ocorreu gradativamente e a forma *a gente* passou a ser uma forma pronominal, que inclui o falante, por exemplo: *a gente vai para a faculdade*, ao lado de *nós vamos para a faculdade*.

Já no segundo quadro trazido por Görski e Coelho, elas mostram o impacto que a mudança no paradigma pronominal acarretou na concordância verbal. No paradigma 1 são descritas as formas pronominais padrão do século XVIII e XIX e suas respectivas formas verbais e, no paradigma 2, apresentam-se as formas pronominais atuais com a conjugação verbal correspondente.

Tabela 2 (GORSKI e COELHO, 2009, p. 86): Descrição dos paradigmas flexionais verbais tradicional e em uso efetivo no PB.

Paradigma 1	Paradigma 2
eu ando	eu <i>ando</i>
tu andas	tu <i>anda(s)</i> / você <i>anda</i>
ele(a) anda	ele(a) <i>anda</i>
nós andamos	nós <i>anda(mos)</i> / a gente <i>anda</i>
vós andais	vocês <i>andam</i>
eles(as) andam	eles <i>andam</i>

As formas inovadoras são formas que, na sua função primeira, como nome genérico (*gente*) ou formas de tratamento (*você/vocês*) concordavam com o verbo na terceira pessoa. Quando passaram a pronomes pessoais, eles mantiveram a concordância verbal em terceira pessoa. Então, ainda que *a gente* seja um pronome de primeira pessoa do plural, o verbo se mantém na terceira pessoa do singular. O mesmo ocorre com as formas *você/vocês*, como vemos na tabela acima.

Görski e Coelho (2009) ressaltam que é de suma importância desenvolver propostas didáticas que expliquem ao aluno como se deu a mudança no paradigma pronominal, ensinando a norma culta, pois foi neste dialeto que a maior parte dos textos que circulam na sociedade foi escrito e é essa variante que o aluno precisa

dominar para ser reconhecido socialmente. E, assim, para que o aluno aprenda sobre variação, sobre por que sua língua é tão diferente da língua culta da escola, o caminho não é o da correção, que julga o certo e errado, mas sim, o caminho é o da leitura, da produção escrita e a reflexão acerca das variedades e valores sociais que a elas são atribuídos.

3. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA

É comum ainda hoje vermos o ensino tradicional fazendo parte do dia a dia das aulas de língua portuguesa na escola (GÖRSKI E COELHO, 2009). Este ensino tradicional tem como base uma concepção de linguagem como expressão do pensamento, que considera a língua como homogênea. Essa concepção, segundo Geraldi (2006, p. 41), embasa os estudos tradicionais. Ele destaca que “Se concebemos a linguagem como tal, somos levados a afirmações - correntes - de que pessoas que não conseguem se expressar não pensam”.

Görski e Coelho (2009) afirmam que essa concepção ainda vigora na escola nos dias de hoje, desconsiderando a língua que o aluno fala e importando-se somente com o falar idealizado pela gramática tradicional. Segundo as autoras, é avassalador a “reprodução de um modelo sociocultural dominante que enfatiza as desigualdades sociais, tratando as diferenças como deficiências”(p.74).

Esse modelo sociocultural dominante, que pretende fazer com que todos achem que a língua é homogênea, ganhou força no Brasil no século XIX e foi apoiado pelos intelectuais portugueses, para se contrapor aos ideais dos autores românticos brasileiros da época, que batalhavam por uma independência literária e cultural do Brasil. Para que essa independência fosse possível, os autores brasileiros transferiram para a escrita a língua portuguesa efetivamente falada no Brasil, o que o autor José de Alencar chamava “de abasileiramento da nossa expressão escrita” (FARACO, 2015, p.22).

O abasileiramento foi visto negativamente pelos intelectuais portugueses e as diferenças entre o português culto brasileiro e o português culto europeu foram interpretadas inadequadamente como erro (FARACO, 2015). Ainda no século XIX, imersos na teoria do erro, propagou-se um discurso normativo que apoiou e

defendeu a adoção e o ensino do português culto europeu como norma de referência no Brasil.

Partindo da ideia de que nosso ensino de língua portuguesa, nas escolas, ainda segue modelos normativos baseados numa gramática portuguesa, pretendemos desconstruir os conceitos tradicionais que titulam o erro, olhando para algumas concepções que permeiam o ensino de língua (ou deveriam permear) e encaminhar a discussão em que vamos nos ater para desenvolver esta pesquisa, considerando que “ninguém pode ser discriminado pela variedade de língua que fala, nem deve ser excluído do acesso aos bens da cultura letrada” (FARACO, 2015, p. 27).

E, assim, pensando na escola como um lugar que deve formar cidadãos críticos, que possam atuar em diversos lugares da sociedade, se faz necessário, para promover o ensino da língua, considerar quem é o aluno que chega à escola, de onde ele vem e qual variedade linguística ele fala. Para Faraco (2015, p. 27)

Uma das práticas pedagógicas indispensáveis para o ensino/aprendizagem da expressão culta é precisamente despertar a consciência dos alunos para a variação linguística, a fim de que eles percebam os pontos críticos que distanciam a variedade que eles aprenderam em casa das variedades cultas, e possam trabalhar sistematicamente, ao longo da escolaridade básica, para dominar estas últimas.

Para que se desperte essa consciência, o professor precisa ter o mínimo de conhecimento sobre os seus alunos, o contexto de onde vêm e a variedade adquirida neste contexto. Esta variedade só será considerada se o trabalho realizado em sala de aula levar em conta a concepção de linguagem como processo de interação, acreditando que as diferenças que existem na língua decorrem da situação de interação. A língua é, então, fruto dessa interação social e, consequentemente, heterogênea.

Para Geraldi (2006, p.42), partindo da concepção de linguagem como processo de interação, “é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentença”.

Neste sentido, os PCNs (BRASIL, 1998, p.59) enfatizam “que as atividades planejadas sejam organizadas de maneira a tornar possível a análise crítica dos discursos para que o aluno possa identificar pontos de vista, valores e eventuais preconceitos neles veiculados”, ou seja, sugerem que a escola planeje o ensino de maneira que desenvolva os conhecimentos discursivos e linguísticos do aluno. Diante disso, ao mostrar ao aluno que diferentes variedades representam diferentes pontos de vista, o aluno vai tomando consciência de que as formas diferentes de falar, entre outras coisas, carregam identidades sociais, que a “higienização” proposta por um ensino tradicional acaba por apagar.

Com relação aos livros didáticos, o que se encontra sobre a variação linguística é, ainda, uma explicação superficial, que não contempla e não dá o real valor à variação social, que deveria ser a “ verdadeira questão a ser enfrentada, já que é ela que serve de critério para os gestos de discriminação dos falantes e de violência simbólica” (FARACO, 2015, p.20).

O que se vê nos livros didáticos é a variação linguística tratada como a maneira inusitada de o indivíduo falar, exemplificada muitas vezes com uma fala do Chico Bento, personagem caipira do autor Maurício de Souza, reportando os alunos ao entendimento de que a variação se dá somente com pessoas residentes na zona rural. E se a concepção trazida nos livros, bem como a seguida pelo professor, for a de linguagem como expressão do pensamento, gramática tradicional, norma padrão, então não há espaço para a variação, a não ser como a tal coisa inusitada. Então, não se faz necessário exemplificar para os alunos que os falantes urbanos também fazem uso da variação linguística, nas mais diversas situações, inclusive na fala e escrita.

Para a Sociolinguística, segundo Bagno (2013), não existe falante que tenha um único estilo, pois até mesmo pessoas que não foram alfabetizadas dispõem de recursos linguísticos e competência comunicativa para monitorar sua fala em lugares de maior ou menor formalidade, e isso precisa ser mostrado aos alunos. O falante não tem um único estilo, porque se vale de normas linguísticas que estão associadas aos diferentes contextos de uso da língua. Faraco (2008) destaca que a norma linguística é um conjunto de formas linguísticas que são usadas por um grupo de falantes numa determinada comunidade linguística, em um dado contexto de uso

da língua. Sendo assim, a norma culta, que deve ser ensinada na escola, é um conjunto variável de formas linguísticas usadas por pessoas escolarizadas em contextos mais próximos da cultura letrada. Faraco (2008) esclarece que o termo “norma culta” designa a variedade utilizada pelas pessoas que possuem mais contato com a cultura escrita e, por isso, a designação de serem pessoas cultas é utilizada.

Ela é, muitas vezes, confundida com a norma padrão, tanto pelo professor de língua materna quanto pelos próprios livros didáticos. Isso ocorre, porque se faz uma dupla interpretação do termo norma: norma no sentido de normatividade (norma padrão), ou no sentido de normalidade (norma culta), essa normalidade diz respeito ao que é natural, normal nos diversos grupos de falantes. A norma padrão, então, diferentemente da norma culta, é, de acordo com Bagno (2013, p. 38-39), um “modelo artificial de língua criado justamente para tentar ‘neutralizar’ os efeitos da variação, para servir de padrão para os comportamentos linguísticos considerados adequados, corretos e convenientes”, ou seja, é uma idealização de língua com normas fixas, que ignora a língua dos sujeitos.

Cyranka (2014) ainda afirma que é papel da escola desenvolver nos alunos a competência de utilização das variedades cultas da língua, bem como promover uma pesquisa com olhar crítico sobre a norma padrão, para que os alunos possam confrontar textos orais ou escritos, presentes no cotidiano das pessoas ditas cultas, com a realidade prescrita em muitos livros didáticos e gramáticas. A autora mostra exemplos de contraposição entre a norma padrão e a norma culta para mostrar como elas se diferenciam, destacando que essas diferenças devem ser trabalhadas com os alunos.

No que diz respeito ao fenômeno aqui trabalhado, o professor pode comparar a forma “vós”, determinada como forma de segunda pessoa do plural pela norma padrão, à forma “vocês”, norma efetivamente usada no PB atual. Nesta comparação o olhar não deve ser o de exigir que os alunos usem uma forma linguística que não faz parte da sua gramática internalizada, mas o de apresentar aos alunos uma forma, que faz parte da norma padrão, que eles poderão encontrar em textos de outras sincronias, fazendo com que se amplie, então, seu repertório de leitura.

Uma outra questão crucial para um ensino de língua que dê conta da variação linguística diz respeito ao tratamento adequado, por parte do professor, da variação que o aluno traz para escola do seu processo de aquisição da língua materna, “levando os alunos a se perceberem como falantes legítimos de sua língua materna e a perceberem nela a expressão da cultura de seu grupo social e de outros diferentes com os quais devem interagir” (CYRANKA, 2014, p.140). É nesse processo de aprendizagem que as normas linguísticas vão sendo reconhecidas, tanto dos dialetos mais cultos como dos populares.

Contudo, a escola não tem conseguido dar conta de tornar os alunos competentes e autônomos no uso das variedades cultas da língua, e isso se dá porque nossas escolas estão presas a um ensino de língua tradicional, muitas vezes insistindo em não reconhecer a língua materna do aluno, considerando-a errada. De acordo com Cyranka (2014, p.143), “falta, na escola, uma pedagogia adequada ao desenvolvimento de práticas de letramento que, realmente, possibilitem aos alunos desenvolverem competência de leitura e escrita nas variedades cultas da língua”.

Pensando nisso, vamos recorrer a Vieira (2017) que propõe uma abordagem mais produtiva da gramática em sala de aula. Para isso, ela propõe o olhar para o ensino de gramática embasado em três eixos: (i) elementos que permitem a abordagem reflexiva da gramática; (ii) recursos expressivos na construção do sentido do texto; e (iii) instâncias de manifestação de normas/variedades. Para iniciar, a autora explana que a “unidade textual deve ser o ponto de partida e chegada das aulas de português” (VIEIRA, 2017, p.69). O primeiro eixo (abordagem reflexiva da gramática) destaca a importância de se promover um ensino de gramática que faça o aluno refletir sobre as possibilidades estruturais disponíveis na língua. Vieira cita, entre outros, para explicitar seus propósitos, Foltran (2013, 174-175) que diz que “Se tivermos em mente que ao fazermos a análise sintática de uma sentença estamos explicando por que aquela sentença significa o que ela significa, o ensino da gramática vai muito além do ensino da norma”. Só para dar alguns exemplos, podemos refletir sobre a diferença provocada pelas diferentes combinações dos constituintes “João” e “Maria” em relação ao verbo, nas sentenças (1) e (2), ou discutir o que muda quando mudamos a conjunção “que” pela conjunção “se”, em (3) e (4)

1. João beijou Maria
2. Maria beijou João
3. João não sabe se Maria chegou
4. João não sabe que Maria chegou

Assim, não estaríamos falando de sujeito e objeto direto, nem de conjunção subordinativa integrante, mas de formas linguísticas que refletem necessidades associadas às situações de interação verbal, refletindo sobre essas diferentes formas.

O segundo eixo traz a importância de se abordar a gramática como conjunto de possibilidades que auxiliam na construção do sentido do texto, que consiste em reafirmar a necessidade de associar ensino de gramática às atividades de leitura e produção de textos. Já o terceiro eixo explora a relação entre o ensino de gramática e a variação linguística. Dentro deste eixo o objetivo é promover o reconhecimento ou domínio, por parte do aluno, do maior número possível de variantes linguísticas, tornando-o capaz de utilizar estas variações caso deseje e necessite.

Tomando como base a proposta de Vieira, a interação entre a abordagem reflexiva sobre a gramática e a variação linguística levaria os alunos a (i) tomarem consciência sobre a variação; (ii) refletirem sobre o valor das formas variantes; (iii) utilizarem as diferentes variantes de acordo com cada contexto e (iv) identificarem formas linguísticas que não são mais usadas, mas que podem aparecer em textos de alguns gêneros.

Desse modo, em nossa proposta, procuraremos nos embasar nos referenciais teóricos até aqui apresentados e, assim, considerar que o aluno já sabe o português quando chega à escola, uma vez que o adquiriu em seu processo de aquisição da linguagem, tendo a consciência de que nós, como professores de Língua Portuguesa, devemos ampliar o repertório linguístico do aluno, tanto no que diz respeito a atividades de produção textual quanto no que diz respeito a atividades de leitura.

4. VARIAÇÃO NO PARADIGMA DOS PRONOMES PESSOAIS: UMA PROPOSTA DE ENSINO

Sabendo que o aluno chega à escola com a variedade linguística utilizada em seu contexto e pensando que a escola é um lugar que deve formar cidadãos críticos que possam atuar em diferentes espaços da sociedade, e para que essa formação crítica ocorra é necessário, entre outras coisas, que o aluno tome consciência da variação linguística, construímos uma proposta, numa concepção de linguagem como processo de interação, considerando a variação no paradigma pronominal do Português Brasileiro atual.

Como afirma Faraco (2015, p. 27), é indispensável, em uma prática pedagógica que ensine a expressão culta, despertar a consciência dos alunos para a variação linguística e assim fazer com que eles percebam a distância existente entre as variedades cultas e as variedades que aprenderam em casa. Para Görski e Coelho (2009, p.89), também “é indiscutível, então, que a escola ensine gramática, como um dos meios de acesso à norma culta da língua, que é a variedade de prestígio na sociedade, e, conseqüentemente, uma maneira de ascensão social.”

Görski e Coelho (2009) reafirmam que para que o aluno aprenda sobre variação, sobre por que sua língua difere da língua culta da escola, o caminho não é o da correção, que julga o certo e errado, mas sim, o caminho é o da leitura, da produção escrita e a reflexão acerca das variedades e valores sociais que a elas são atribuídos. E é nesse caminho que essa proposta procura seguir, buscando “uma abordagem mais produtiva da gramática” (VIEIRA, 2017). Tal proposta tem como foco uma turma de sexto ano, portanto Ensino Fundamental, de uma escola pública, pertencente a uma cidade interiorana.

Escolhemos uma turma de sexto ano porque recebemos o aluno recém saído do Ensino Fundamental I onde, em tese, o trabalho com língua portuguesa se pautou na leitura e produção de textos em língua portuguesa (o que Geraldi (2006) chama de atividades linguísticas, ou seja, ações que se fazem com a linguagem) e que o Ensino Fundamental II seria o momento de iniciar a reflexão linguística (de acordo com Duarte (2012)), ou seja, promover as atividades epilinguísticas. Além disso, é um momento em que o aluno ainda traz muito do seu processo de aquisição

da língua materna que, no que diz respeito ao paradigma pronominal, apresenta variação abundante.

Nossa proposta consiste em a atividade 1 e atividade 2. Na atividade 1 vamos promover uma reflexão, a partir dos dados coletados pelos próprios alunos, focando no emprego dos pronomes pessoais, observando as variantes percebidas nas falas dos entrevistados. Já a atividade 2, é uma atividade de leitura, a partir de textos selecionados, que consiste em analisar e discutir a variação pronominal no decorrer dos anos.

Atividade 1

Encaminhamento de uma entrevista gravada a ser realizada pelos alunos com pessoas do seu convívio. Essa entrevista será realizada com base no questionário abaixo.

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA

Nome:

Data de nascimento

Escolaridade:

Profissão:

Local de nascimento / Lugares onde viveu e por quanto tempo:

1. Gostaria de saber um pouco da sua história, de algo marcante que a senhor (a) se lembre da sua infância ou adolescência?
2. Gostaria de saber um pouco sobre sua escola, na época em que o senhor (a) estudou, como era?
3. Que lembrança o senhor (a) tem das aulas? Eram boas? O (a) senhor (a) gostava?
4. Como era o comportamento dos alunos na sua escola?
5. Como era o contato entre os professores e alunos?
6. O (a) senhor (a) se lembra de como eram dadas as aulas de língua portuguesa?
7. Havia leitura de textos com frequência? Quais? Que autores?

O objetivo dessa atividade é identificar, em pessoas do convívio dos alunos, as variantes utilizadas ou mais utilizadas. Ao apresentar aos colegas a entrevista feita, a ideia é que o aluno perceba de qual variante faz uso, identificando-se como integrante daquela comunidade linguística e que essa identificação pode se dar, entre outras coisas, pelas variantes que o aluno usa. Görski e Coelho (2009) relatam que não há razões para que um dialeto não-padrão seja desvalorizado e que é dever da escola reconhecer este dialeto e não deixar que atitudes discriminatórias interfiram na linguagem do aluno. E reafirmam sua fala citando Mattos e Silva

os professores de português, por necessidades exigidas por nossa sociedade discriminatória, têm de explicitar a seus estudantes que certos usos variáveis são censurados em certas situações socioculturais.[...] (o professor) se tiver uma boa formação linguística, especificamente sociolinguística, deverá demonstrar, por exercícios, o valor social das variantes de um elemento variável no português do Brasil. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 282 apud GÖRSKI e COELHO, 2009, p.84)

Assim, a próxima atividade será uma roda de conversa, pautada na discussão sobre o emprego dos pronomes pessoais, atentando para as variantes percebidas nas falas dos entrevistados. Durante essa discussão, o professor deverá ter o cuidado de desconstruir qualquer atitude de preconceito linguístico que vier a ocorrer com vistas ao objetivo proposto, que é a valorização de todas as variantes. Essa roda de conversa consistirá na apresentação dos entrevistados, feita pelos alunos, em que eles deverão falar sobre a faixa etária, o grau de escolaridade, além de qual a ocupação e onde vivem as pessoas entrevistadas, ou seja, as características sociais do entrevistado.

Seguindo a sequência das perguntas, cada aluno fará a apresentação inicial do seu entrevistado, como mencionado acima, em seguida colocará o áudio de uma pergunta para todos ouvirem. Por que somente uma pergunta por aluno? Para que todos possam contribuir na roda de conversa com a sua entrevista e seu áudio, já que o número de perguntas não é pequeno, e o objetivo é que os alunos não se dispersem e percam o foco.

Para análise e contextualização do questionário se faz necessário ressaltar a fala de Geraldi (2006, p. 42) que diz que “é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentença”. Partindo deste pressuposto é que nossa atividade será conduzida, com o intuito de estudar as relações e diferenças existentes na língua, a partir das variantes encontradas na fala das pessoas entrevistadas.

Logo, na elaboração e desenrolar desta atividade, fica clara a menção ao primeiro eixo apresentado por Vieira (2017, p. 71), o ensino de gramática como atividade reflexiva, assim como o terceiro eixo, que discute o ensino de gramática e a variação linguística. Primeiramente temos uma atividade linguística, que “visa tornar operacional e ativo um sistema a que o aluno já teve acesso fora da escola, em suas atividades linguísticas comuns”, e os áudios das entrevistas vão mostrar isso. Também é epilinguística, pois “trata-se de levar os alunos, desde cedo, a diversificar os recursos expressivos com que fala e escreve, a operar sobre sua própria linguagem, praticando a diversidade dos fatos gramaticais de sua língua” (VIEIRA, 2017, p.72), através do exercício de escutar, construir sentido e questionar as falas da entrevista. Sendo assim, ao discutir os recursos usados pelos entrevistados e que efeitos de sentido esses recursos têm na sociedade, estaremos abordando a gramática de maneira reflexiva.

Atividade 2

Seguindo com o objetivo central da proposta, que é trabalhar a variação dos pronomes no Português Brasileiro, após a atividade da entrevista, será realizada a leitura de textos de gêneros diferentes para que possa ser verificada a distribuição estilística dos pronomes, isto é, se textos mais formais ainda preservam traços do paradigma pronominal antigo e de todas as formas pronominais correspondentes (Görski e Coelho 2009).

Como foram selecionados três textos distintos, mas que trazem traços do paradigma pronominal, cada leitura e contextualização será realizada de maneira singular, isso porque um dos objetivos, quiçá o principal, é que o aluno reconheça,

compreenda e saiba fazer uso do repertório linguístico, trazido de casa e aprendido na escola, nos mais diversos contextos. A fala da autora Cyranka (2014, p.140) que diz que “levando os alunos a se perceberem como falantes legítimos de sua língua materna e a perceberem nela a expressão da cultura de seu grupo social e de outros diferentes com os quais devem interagir”, norteia, juntamente com outros referenciais teóricos, nossa proposta de ensinar o aluno a partir de suas vivências, sempre considerando seu vernáculo, ensinando-o a respeitar as variações do outro e, enquanto professor, ensinar o maior número possível de variantes, para que o aluno não sofra, nem pratique preconceito linguístico.

O primeiro texto que será apresentado para os alunos é a oração do “Pai Nosso”, em duas versões, a versão tradicional e a nova versão. O segundo texto, será uma canção, que se intitula “Samba do Arnesto” do compositor italiano Adoniran Barbosa. E, por último, mas não menos importante será apresentada aos alunos mais uma canção intitulada “Roda Viva” de Chico Buarque, que sirva como aporte para melhor exemplificar o uso do pronome “a gente”.

Texto I

Oração do ‘Pai Nosso’ em duas versões

Versão 1

Eis como deveis rezar: PAI NOSSO, que estais no céu, santificado
seja o vosso nome;

venha a nós o vosso Reino; seja feita a vossa vontade, assim na
terra como no céu.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje;

perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos
que nos ofenderam;

e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.

(Mateus 6:9-13 – Versão Católica PT)

Versão 2

Vocês orem assim: 'Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome.

Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.

Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia.

Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores.

E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal (...).

(Mateus 6:9-13 – Nova Versão Internacional)³

Uma vez realizada a leitura do primeiro texto, as duas versões da oração do Pai nosso, será indagado aos alunos se alguma palavra lhes causa estranhamento, ou foge do seu repertório linguístico. O objetivo de trabalhar essas duas versões da oração será problematizar a questão de uso dos pronomes que não fazem parte do Português Brasileiro atual e sua concordância verbal, mas que são formas que aparecem nos livros didáticos e em alguns textos de escrita culta com traços de sincronias passadas.

O intuito da problematização é esclarecer ao aluno que o pronome vosso e a referência à segunda pessoa do plural (vós), que podemos verificar nas formas verbais “deveis” e “estais”, por exemplo, encontrado na primeira versão da oração do ‘Pai Nosso’, e também nos livros didáticos, não são mais utilizados no Português brasileiro atual, mas sim que fazem parte de uma época anterior da língua.

A explicação procura levar o aluno à compreensão acerca da mudança ocorrida com a segunda pessoa do plural no PB, seguindo o que dizem Görski e Coelho (2009, p. 89): “leitura e discussão de diferentes textos do português dos séculos XVIII, XIX, XX e XX para que possa ser observado o percurso diacrônico da mudança pronominal (Cf. quadros 1, 2 e 3) ao longo das diferentes épocas”.

Nas duas versões do Pai Nosso, será possível exemplificar para os alunos a mudança ocorrida no Português Brasileiro, em que o pronome “vosso” da primeira versão é substituído pelo “teu” na segunda versão, sem que mude o sentido ou a pessoa no quadro pronominal, ou seja, ambos são segunda pessoa. No entanto, há

³ Fonte: www.bibliaonline.com

aí uma importante mudança ocorrida na concordância verbal: enquanto na primeira versão o verbo concorda em segunda pessoa do plural (“estais”, “perdoai”, “deixeis”), na segunda versão, ele concorda em segunda pessoa do singular (“estás”, “perdoa”, “deixes”). O professor deve explicar que essa atualização da oração foi possível, por conta da mudança linguística ocorrida no PB, que levou ao desaparecimento do pronome “vós” e suas formas verbais equivalentes.

O objetivo pautado aqui é mostrar para o aluno que essa forma já existiu e pode, como acontece na oração, aparecer em outros textos e, portanto, o aluno deve saber entender do que se trata e saber a que forma ela é equivalente hoje. Sobre a questão da equivalência, como “vós” é de segunda pessoa do plural, o natural é que a adequação se desse para a forma “vocês” e equivalentes. No entanto, usou-se o pronome de segunda pessoa do singular “tu” e equivalentes⁴.

E nesse exercício de discussão, utilizando as duas versões do Pai Nosso, os alunos serão questionados quanto à identificação desta variação pronominal já discutida na entrevista, se ela se assemelha com qual versão do Pai Nosso, a primeira com palavras pertencentes a norma padrão ou a segunda versão pertencente ao português brasileiro atual.

Na sequência, apresentamos os dois próximos textos que foram escolhidos com o objetivo de apresentar a variação na primeira pessoa do plural.

Texto II

Canção - Samba do Arnesto

O arnesto nos convidô prum samba, ele mora no brás
Nóis fumo e não encontremos ninguém
Nóis vortemo cuma baita duma reiva
Da outra veiz nóis num vai mais
Nóis não semos tatu!
Outro dia encontremo com o arnesto
Que pidiu descurpa mais nóis não aceitemos

⁴ Usando-se o “vós”, pretendia-se identificar um Deus que é trino: Pai, Filho e Espírito Santo. No entanto, a atualização para a forma tu entendeu como Deus como uno, por isso a referência à segunda pessoa do singular e não do plural.

Isso não se faz, arnesto, nós não se importa
Mais você devia ter pnhado um recado na porta
Anssim: "ói, turma, num deu prá esperá
A vez que isso num tem importância, num faz má
Depois que nós vai, depois que nós vorta
Assinado em cruz porque não sei escrever arnesto"

Texto III - Roda Viva
Chico Buarque

Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu
A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega o destino pra lá

Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

A gente vai contra a corrente
Até não poder resistir
Na volta do barco é que sente
O quanto deixou de cumprir
Faz tempo que a gente cultiva
A mais linda roseira que há
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a roseira pra lá

Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

A roda da saia, a mulata
Não quer mais rodar, não senhor
Não posso fazer serenata
A roda de samba acabou
A gente toma a iniciativa
Viola na rua, a cantar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a viola pra lá

Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

O samba, a viola, a roseira
Um dia a fogueira queimou
Foi tudo ilusão passageira
Que a brisa primeira levou
No peito a saudade cativa
Faz força pro tempo parar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a saudade pra lá

Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante

Nas voltas do meu coração

Roda mundo, roda-gigante

Rodamoinho, roda pião

O tempo rodou num instante

Nas voltas do meu coração

Roda mundo, roda-gigante

Rodamoinho, roda pião

O tempo rodou num instante

Nas voltas do meu coração

Por se tratar de duas canções, o primeiro exercício será ouvir a música acompanhando a letra e construindo os sentidos possíveis. Posteriormente, será realizada uma conversa com os alunos a respeito das formas que lhes causaram estranhamento, bem como as formas que fazem parte do seu repertório linguístico, retomando e comparando com a primeira atividade, que foi a entrevista.

Na primeira canção, pode-se observar o uso de uma variante de primeira pessoa do plural *Nóis fumo*. Já na segunda canção pode-se observar a forma inovadora da primeira pessoa do plural que é *a gente*. A reflexão agora é levar aos alunos o conhecimento a respeito destas formas utilizadas nos mais diversos contextos do Português Brasileiro, quando refere-se à primeira pessoa do plural, pessoa do discurso que mais variantes apresenta no PB atual, quando consideramos o pronome pessoal e a concordância verbal equivalentes.

Para esclarecer aos alunos do motivo que leva à concordância de terceira pessoa do singular, apesar de estar se referindo à primeira pessoa do plural, é necessário mostrar que a forma *a gente*, em uma época anterior da língua, tinha sentido genérico, como em “aquela gente maluca chegou”, se referindo a uma terceira pessoa, de quem se falava, e, portanto, o verbo concordava em terceira pessoa do singular. No processo de gramaticalização pelo qual a forma “a gente” passou, ela passa a ser empregada como pronome de primeiro pessoal de primeira

pessoa do plural, que inclui o falante, mas mantém a concordância em terceira pessoa do plural.

Segundo Lopes (2007, p.106), essas variações não são encontradas nos livros didáticos, tampouco nas gramáticas tradicionais e o quadro do paradigma pronominal que prevalece está distante de dar conta do Português Brasileiro atual.

Na canção “Samba do Arnesto, o professor deve levar o aluno a compreender que o autor trouxe para a modalidade escrita a variação linguística presente em uma modalidade oral, desmistificando que a canção está repleta de erros, mostrando que se porventura a canção fosse passada para a norma culta, ela perderia sua identidade e o artista a sua liberdade de expressão. Ainda, não podemos deixar de mencionar que essa prática de “passar para a norma culta” em nada auxilia o aluno a entender como as identidades sociais se materializam na língua e não proporcionam ao professor “estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam” (GERALDI, 2006, p. 42). E é também de grande valia, neste exercício, mostrar ao aluno que essa variante pode ser encontrada na entrevista que realizaram com pessoas do seu convívio, ou seja, a variante da canção pode ser facilmente identificada no seu dia a dia.

Para fazer um encerramento da proposta e para que além da compreensão o aluno tenha um material concreto para consulta e que possa sistematizar toda a discussão realizada, será confeccionada uma tabela com os pronomes e suas variações encontrados nos textos, bem como na entrevista realizada pelos alunos.

Pensando em um ensino que contemple todos os alunos, Görski e Coelho (2009) ressaltam que é de suma importância desenvolver propostas didáticas que expliquem aos alunos como se deram as variações, ensinando a norma culta, pois foi neste dialeto que a maior parte dos textos que circulam na sociedade foram escritos e é essa variante que o aluno precisa dominar para ser reconhecido socialmente. E assim, para que o aluno aprenda sobre variação, o porque que sua língua é tão diferente da língua culta da escola, o caminho não é o da correção, que julga o certo e errado, mas sim, o caminho é o da leitura, da produção escrita e a reflexão acerca das variedades e valores sociais que a elas são atribuídos. Foi disso que nossa proposta de ensino procurou dar conta.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formulação de uma proposta didática que tenha como objetivo o ensino da variação linguística pretende aproximar o aluno da realidade de ensino considerando as mudanças que ocorrem na língua. E este trabalho procurou apresentar essa importância da variação linguística na sala de aula, trabalhando em conjunto com a norma culta e mostrando as mudanças ocorridas no quadro pronominal brasileiro ao longo dos anos.

De acordo com Cyranka (2014) é papel da escola desenvolver nos alunos a competência de utilização das variedades cultas da língua, bem como promover uma pesquisa com olhar crítico sobre a norma padrão, para que os alunos possam confrontar textos orais ou escritos, presentes no cotidiano das pessoas ditas cultas, com a realidade prescrita em muitos livros didáticos e gramáticas. A autora mostra exemplos de contraposição entre a norma padrão e a norma culta para mostrar como elas se diferenciam, destacando que essas diferenças devem ser trabalhadas com os alunos.

É de suma importância o professor dar um tratamento adequado à variação que o aluno traz para escola, “levando os alunos a se perceberem como falantes legítimos de sua língua materna e a perceberem nela a expressão da cultura de seu grupo social e de outros diferentes com os quais devem interagir” (CYRANKA, 2014, p.140). É nesse processo de aprendizagem que as normas linguísticas vão sendo reconhecidas, tanto dos dialetos mais cultos como dos populares.

Isto posto, sentiu-se a necessidade de expor na elaboração dessa proposta a perspectiva de que o ensino de língua não deve se restringir à análise gramatical por ela mesma, mas sim, que o objeto de estudo seja a análise gramatical com vistas ao efetivo uso da língua, partindo do princípio de que os homens não se comunicam por meio de palavras nem de orações isoladas.

Enfim, este artigo procurou contribuir com uma nova proposta didática para o ensino da variação linguística na sala de aula, considerando as mudanças ocorridas no quadro pronominal brasileiro, sem desvalorizar os diferentes tipos de variação da língua. E assim, sem criticar a situação atual de ensino, o objetivo foi buscar recursos, pautados em referenciais teóricos, para aprimorar a abordagem dos

diferentes tipos de variação linguística, considerando os fatores extralinguísticos que interferem na língua, visando auxiliar no trabalho do professor em sala de aula.

6. REFERÊNCIAS

Bagno M. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CYRANKA, L. F. M. Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula. In: Martins, M. A.; Vieira, S. R.; Tavares, M. A. **Ensino de Português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 133-156.

FARACO, C. A. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. ZILLES, A. M. S. **Pedagogia da Variação Linguística: Língua, Diversidade e Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GÖRSKI, Edair; COELHO, Izete L. Variação linguística e ensino de gramática. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 73- 91, 2009.

LOPES, C. R. dos Santos. A gramaticalização de *a gente* em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Lingüístico**. Florianópolis: v. 4, n. 1, p. 47-80, julho de 2007.

PARANÁ, Secretaria de Educação do Estado do. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: língua portuguesa**. Paraná, 2008.

VIEIRA, Silvia Rodrigues (org.) **Gramática, variação e ensino: diagnose & propostas pedagógicas / Vários autores.** – Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2017.